

CONTAR HISTÓRIAS PARA QUEM AINDA NÃO FALA: SENTIDOS E DESCOBERTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



TELLING STORIES TO THOSE WHO DO NOT YET SPEAK: SENSES AND DISCOVERIES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ANDREA PEREIRA VICTOR

Graduação em Pedagogia pela Faculdade UNIBAN em 2009; especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade ITEC em 2024, Especialista em Libras/ Braille pela Faculdade ESTÁCIO em 2025; Professora de Educação Infantil no CEI Missionária Dorothy Stang.

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o papel da contação de histórias na Educação Infantil, especialmente na interação com bebês. A pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica que analisa, por meio de diferentes estudos e documentos, como crianças de zero a três anos respondem às narrativas orais e quais significados constroem a partir delas. As investigações contemporâneas reconhecem o bebê como sujeito ativo, capaz e participante de seu próprio processo de desenvolvimento. Assim, oferecer experiências ricas em múltiplas linguagens é essencial para ampliar suas formas de expressão e compreensão do mundo. A contação de histórias, nesse contexto, revela-se uma prática pedagógica potente, que mobiliza dimensões afetivas, cognitivas, linguísticas e motoras, favorecendo o desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chave: Contação de histórias; Educação Infantil; Bebês.

ABSTRACT

This article reflects on the role of storytelling in early childhood education, particularly regarding interactions with infants. The research is based on a literature review that analyzes—through various studies and documents—how children aged zero to three respond to oral narratives and the meanings they construct from them. Contemporary research recognizes the infant as an active, capable subject who participates in their own developmental process. Thus, providing experiences rich in multiple forms of expression is essential for expanding their ways of communicating and understanding the world. In this context, storytelling emerges as a powerful pedagogical practice that engages affective, cognitive, linguistic, and motor dimensions, fostering the child's holistic development.

Keywords: Storytelling; Early childhood education; Infants.

INTRODUÇÃO

Desde o período gestacional, o bebê é envolvido por estímulos sonoros e afetivos que contribuem para sua formação sensorial e emocional. A voz da mãe, as músicas suaves e o toque carinhoso na barriga são experiências que inauguram o contato da criança com o mundo da linguagem. Após o nascimento, essa relação se amplia: professoras, educadoras e demais profissionais que convivem com crianças de zero a três anos percebem que a comunicação oral é um dos pilares do desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, os Centros de Educação Infantil (CEIs) assumem papel fundamental como espaços de interação e aprendizagem, nos quais a oralidade é constantemente estimulada. É nesse ambiente que os pequenos têm acesso a cantigas, jogos, rimas e histórias, elementos que favorecem a construção de vínculos e o despertar da curiosidade.

A contação de histórias, em especial, destaca-se como prática pedagógica que mobiliza múltiplas dimensões do desenvolvimento — afetiva, cognitiva, linguística e motora — e possibilita que o bebê participe ativamente das experiências narrativas, mesmo antes de dominar a fala.

Assim, este artigo busca refletir sobre como os bebês percebem e assimilam as histórias contadas, analisando suas reações e formas de participação. A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica, pretende oferecer subsídios teóricos para que educadores compreendam a potência da narrativa oral na primeira infância e possam integrá-la de maneira significativa à prática pedagógica cotidiana.

A contação de histórias na Educação Infantil é uma prática que ultrapassa o simples ato de narrar. Ela constitui uma experiência sensorial e afetiva que contribui para o desenvolvimento global da criança, inclusive dos bebês que ainda não dominam a linguagem verbal. Nos primeiros anos de vida, o contato com a oralidade, o ritmo das palavras e a expressividade do narrador favorecem a construção de vínculos e o despertar da curiosidade, elementos essenciais para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Considerando que os bebês são sujeitos ativos e capazes de interagir com o meio, torna-se fundamental compreender como eles percebem e respondem às narrativas. Essa compreensão permite ao educador planejar práticas pedagógicas mais intencionais, que valorizem a escuta, o afeto e a imaginação.

A relevância deste estudo reside na necessidade de ampliar o olhar sobre a contação de histórias como ferramenta de aprendizagem e interação na primeira infância. Ao investigar como os bebês assimilam as narrativas e quais sentidos constroem a partir delas, busca-se fortalecer o papel do educador como mediador de experiências significativas, capazes de integrar emoção, linguagem e descoberta.

OS BEBÊS E O UNIVERSO DAS HISTÓRIAS

As orientações curriculares da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (2007) destacam diversas práticas culturais que devem nortear o planejamento dos ambientes de aprendizagem nos Centros de Educação Infantil (CEIs), conforme as intenções pedagógicas de cada unidade. Entre essas práticas estão: brincar com os colegas, explorar o ambiente, cuidar de si, apreciar manifestações artísticas, expressar-se por meio de diferentes linguagens e participar de atividades que envolvem música, dramatização e narrativas.

Dentre essas experiências, a contação e o recontar de histórias ocupam lugar de destaque, já que favorecem o contato das crianças — inclusive dos bebês — com a linguagem oral, o imaginário e a cultura. A presença de músicas, encenações e recursos tecnológicos amplia as possibilidades de expressão e compreensão, tornando o momento da narrativa uma vivência rica e significativa.

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (BRASIL, p.117, 1998)

O professor, como mediador, deve selecionar materiais adequados à faixa etária e às necessidades das crianças. Para bebês de até um ano e meio, recomenda-se o uso de objetos sonoros e visuais — chocalhos, sinos, livros com imagens coloridas, brinquedos, móveis e elementos com diferentes texturas — que estimulem os sentidos e tornem a história mais envolvente. Já para crianças entre um ano e meio e três anos, é possível criar ambientes lúdicos com túneis, caixas, fantoches, bonecos, massinha e materiais de sucata, favorecendo o faz-de-conta e a participação ativa.

Esses recursos não apenas despertam o interesse, mas também fortalecem o vínculo entre o narrador e o ouvinte.

Como aponta Brito (2003), ouvir histórias é uma experiência essencial para o desenvolvimento da linguagem e da imaginação, permitindo à criança ampliar seu vocabulário, compreender entonações e experimentar diferentes formas de expressão. Mesmo os bebês, que ainda não dominam o significado das palavras, respondem à musicalidade e à emoção presentes na voz de quem conta, vivenciando o prazer da escuta e da descoberta.

Assim, a contação de histórias se revela uma prática pedagógica que une arte, afeto e aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para a construção de uma relação sensível com o mundo da linguagem.



Fonte: Diário de bordo da professora Eliane Santos – Na imagem: Professora Carina Rosa e os bebês do berçário 2 em 2023. Acesso em 20 abril 2026.

A LEITURA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A leitura desde os primeiros meses de vida é uma experiência que ultrapassa o simples contato com livros e palavras. Ela constitui um encontro afetivo e simbólico entre o adulto e a criança, capaz de contribuir para a construção da subjetividade e para o desenvolvimento da linguagem.

Projetos como os realizados pela *Revista Nova Escola* em parceria com o *Itaú*, inspirados nas reflexões do linguista e psicólogo colombiano Evelio Cabrejo Parra, reforçam que ler para bebês é um gesto de cuidado e de formação humana.

Parra destaca que a voz é o primeiro vínculo entre o bebê e o mundo. Ainda no período gestacional, o feto reconhece sons e ritmos, iniciando uma relação sensível com a linguagem. Ao ouvir histórias, a criança encontra ecos de sentimentos que ainda não sabe nomear, mas que já experimenta intensamente. Assim, a leitura torna-se um espaço de escuta e de construção de significados, permitindo que o bebê comece a compreender o mundo por meio das palavras e das emoções que elas evocam.

O pesquisador ressalta que limitar a comunicação com os pequenos apenas à linguagem cotidiana — marcada por ordens e comandos — empobrece o processo de escuta e de formação simbólica. A leitura, ao contrário, oferece tempo e espaço para que o bebê observe o rosto e o olhar do leitor,

reconheça sons familiares e perceba que as palavras do livro também fazem parte de seu universo. Essa descoberta desperta o prazer pela leitura e o entendimento de que os livros são portadores de cultura e imaginação.

Parra defende que o hábito de ler deve integrar as competências naturais das crianças, pois amplia sua sensibilidade e capacidade de elaborar sentidos. A linguagem, nesse processo, torna-se uma companheira permanente — aquela que permite sonhar, fantasiar e expressar emoções. É por meio dela que o sujeito se constitui, vivenciando um segundo nascimento: o simbólico.

Além disso, o autor enfatiza que os bons livros para bebês são aqueles que dialogam com suas experiências, e não apenas falam sobre elas.

Obras literárias bem construídas, ricas em metáforas e musicalidade, ajudam os pequenos a reconhecer suas próprias emoções e a sentir-se compreendidos. Por isso, é essencial oferecer textos poéticos e narrativas de qualidade, capazes de despertar o imaginário e fortalecer o vínculo entre leitor e ouvinte.

A MUSICALIDADE NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A sonorização das narrativas é um recurso expressivo que transforma o momento da contação de histórias em uma experiência sensorial e artística. Brito (2003) destaca que tornar as histórias mais sonoras e envolventes é o primeiro passo para aproximar a literatura infantil da linguagem musical. Mesmo quando o professor utiliza apenas a voz, é possível criar efeitos que despertam a atenção e a imaginação das crianças.

A autora explica que a expressividade vocal é fundamental: narrar com voz clara, variar entonações, explorar registros graves e agudos, alternar intensidade e ritmo — tudo isso contribui para enriquecer a interpretação e revelar a diversidade sonora presente na fala. Essas variações permitem que os bebês e as crianças pequenas percebam nuances de emoção e ritmo, desenvolvendo sensibilidade auditiva e expressiva.

Para ilustrar, Brito utiliza o exemplo da história de *Chapeuzinho Vermelho*. O professor pode diferenciar as vozes dos personagens — a menina, a mãe, o lobo, a avó e os caçadores — e sugerir momentos de tensão ou alegria apenas pela modulação vocal. Essa teatralidade sonora estimula a imaginação e ajuda as crianças a compreenderem o enredo por meio da escuta.

Além da voz, o olhar e a expressão facial do narrador também são elementos essenciais. Contar histórias olhando nos olhos das crianças, alternando tons suaves e fortes, e até cochichando em certos momentos, cria uma atmosfera de encantamento. Brito recomenda evitar gritos e exageros, mantendo sempre o equilíbrio entre emoção e clareza.

Para as crianças maiores, é interessante promover a participação ativa: permitir que contem pequenas histórias, inventem personagens e reproduzam narrativas conhecidas. Essa prática estimula a criatividade, a oralidade e o senso de ritmo, aproximando a contação de histórias do universo musical e poético.

Assim, a sonorização das histórias não é apenas um recurso estético, mas uma estratégia pedagógica que une arte, linguagem e emoção, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças e o prazer de ouvir e contar histórias.

A EXPRESSIVIDADE DA VOZ, DO CORPO E DOS OBJETOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar histórias é uma arte que envolve muito mais do que palavras. Segundo Brito (2003), a narrativa torna-se mais envolvente quando o educador utiliza a voz, o corpo e objetos sonoros para criar uma atmosfera rica em significados. Esses elementos ampliam a expressividade e ajudam as crianças a mergulhar no universo imaginário da história.

A sonorização pode ser feita de diversas formas: imitando o ranger de uma porta, o canto de um galo, o trote de cavalos, o som da chuva ou o rugido de um leão. Esses recursos despertam a curiosidade e estimulam a escuta ativa dos bebês e das crianças pequenas. O professor pode realizar essa sonorização sozinho ou com a participação das crianças, tornando o momento ainda mais interativo e criativo.

Antes de iniciar a contação, é importante analisar o texto e identificar os trechos que merecem destaque sonoro. Histórias curtas e de linguagem simples favorecem a atenção e permitem explorar melhor os sons e movimentos. O corpo do narrador também é um instrumento expressivo: palmas, batidas nas pernas, estalos de dedos e movimentos dos pés podem representar ações e emoções dos personagens.

Brito exemplifica essa prática com uma narrativa em que o corpo reproduz sons de locomoção e fenômenos da natureza — o caminhar de um homem, o trotar de um cavalo, o início da chuva e a tempestade. Essas variações corporais e sonoras transformam a história em uma experiência sensorial completa, aproximando a criança da linguagem musical e teatral.

Além dos sons corporais, o uso de objetos amplia as possibilidades de criação. Materiais simples, como cascas de coco, copinhos de iogurte, tampas metálicas ou folhas de acetato, podem reproduzir sons de trovões, passos ou animais, como nas antigas radionovelas. Essa técnica, conhecida como sonoplastia, busca representar os sons da narrativa com precisão e criatividade, estimulando a imaginação dos ouvintes.

Assim, a integração entre voz, corpo e objetos na contação de histórias transforma o momento narrativo em uma vivência artística e pedagógica. Por meio desses recursos, o educador desperta emoções, promove a escuta sensível e favorece o desenvolvimento expressivo e simbólico das crianças.

QUANDO OUVIR É COMPREENDER: A PERCEPÇÃO DOS BEBÊS NAS NARRATIVAS ORAIS

Ainda de acordo com Brito, “aprender a escutar, com concentração e disponibilidade para tal, faz parte do processo de formação dos seres humanos sensíveis e reflexivos, capazes de perceber, sentir, relacionar, pensar, comunicar-se”.

E continua “O universo sonoro que vai sendo apresentado – natural e intencionalmente – aos bebês e às crianças os coloca em contato com grande variedade de sons produzidos pela voz humana, pelos sons corporais, pela natureza, pelas máquinas e pela música.”

“Escutar é perceber e entender os sons por meio do sentido da audição, detalhando e tomando ciência do fato sonoro. Mais do que ouvir (um processo puramente fisiológico), escutar implica detalhar, tomar consciência do fato sonoro.” (BRITO, 2003)

...” precisamos acreditar nas potencialidades, caso contrário há o risco de ensinarmos menos coisas e reforçarmos as dependências...” (RODRIGUES; LEITE, p. 37, 2010)

Muitos se perguntam se os bebês realmente compreendem o que ouvem. A resposta é afirmativa: desde muito cedo, eles demonstram sensibilidade à linguagem e à musicalidade das palavras. O professor, ao planejar atividades de contação de histórias, pode integrar elementos sonoros e musicais que favorecem essa escuta ativa e significativa.

Segundo as orientações da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1998), o processo de musicalização na primeira infância ocorre de forma natural e intuitiva. O ambiente sonoro e a presença constante da música nas rotinas diárias são fatores que estimulam essa aprendizagem. Entre o nascimento e os três anos de idade, os bebês ampliam suas formas de expressão musical por meio das conquistas vocais e corporais, explorando sons, ritmos e movimentos.

A musicalidade nessa fase é marcada pela espontaneidade e pelo afeto. As crianças experimentam sons corporais e vocais, associando-os às brincadeiras e às histórias. Cantam enquanto brincam, acompanham com sons o movimento dos brinquedos, dançam e dramatizam situações, atribuindo significados simbólicos aos objetos e às melodias.

O silêncio também desempenha papel essencial na organização musical, funcionando como pausa e espaço de escuta. Ao ouvir e comparar sons — graves e agudos, curtos e longos, fortes e suaves — as crianças desenvolvem percepção auditiva e aprendem a reconhecer diferenças sonoras em contextos significativos.

Todos os instrumentos musicais podem ser utilizados com crianças pequenas, especialmente aqueles que fazem parte da cultura local ou que são construídos por elas. Contos de fadas, histórias infantis e criações coletivas são excelentes oportunidades para explorar sons vocais, corporais e produzidos por objetos do cotidiano.

O referencial pedagógico destaca que, à medida em que crescem, os bebês passam a articular e entoar um número maior de sons, inclusive da língua materna, reproduzindo refrões, onomatopeias e pequenas palavras. Gestos sonoros como palmas, batidas e movimentos corporais acompanham a música e fortalecem a coordenação motora e a expressão emocional.

Nos primeiros anos de vida, o fazer musical deve ocorrer de forma lúdica e afetiva. Quando o professor canta, embala, dança ou brinca com os bebês, contribui para o desenvolvimento da atenção, da percepção e da linguagem. Canções de ninar, rodas, cirandas e jogos rítmicos são práticas que aproximam a criança da musicalidade e da narrativa oral, ajudando-a a compreender o mundo por meio da escuta e da emoção.

“Todo o trabalho a ser desenvolvido na educação infantil deve buscar a brincadeira musical, aproveitando que existe uma identificação natural da criança com a música. A atividade deve estar muito ligada à descoberta e à criatividade”. (Teca Alencar de Brito, diretora da Escola Oficina de Música e colaboradora do MEC na elaboração dos Referenciais Curriculares de Iniciação Musical).

Brincar é uma das formas mais naturais de aprendizagem na infância. Por meio das brincadeiras, as crianças desenvolvem habilidades cognitivas, motoras e sociais que serão fundamentais nos anos seguintes. Cada gesto, som e movimento contribui para a construção de novas formas de expressão e compreensão do mundo.

No que se refere à apreciação musical, o referencial pedagógico destaca a importância de integrar histórias, dramatizações e recursos como fantoches para despertar o interesse das crianças e reduzir o medo diante do novo. O educador pode explorar temas culturais, como o carnaval, promovendo atividades que envolvam danças, bailes e instrumentos típicos — tambor, chocalho ou flauta — para estimular a escuta e a participação.

A música também favorece a socialização. O contato inicial com instrumentos de percussão, utilizados como objetos sonoros, permite que as crianças respondam musicalmente a estímulos do professor. Guizos, caxixis, castanholas e tambores podem ser explorados livremente, e posteriormente orientados para a produção de ritmos simples. Esse processo estimula a coordenação, a atenção e o prazer de ouvir.

Outro aspecto essencial é a valorização da cultura popular brasileira. Por meio de canções, brincadeiras e cantigas tradicionais — como *Upa cavalinho*, *Bate palminha* e *Janela, janelinha* — as

crianças entram em contato com o folclore e com expressões musicais que fazem parte da identidade nacional. Essas experiências ajudam a perceber e diferenciar sons agudos e graves, fortes e suaves, ampliando a sensibilidade auditiva e o repertório cultural desde os primeiros anos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia que o contato com a literatura oral e escrita desde os primeiros meses de vida é essencial para o desenvolvimento integral da criança. A escuta de histórias e textos literários proporciona experiências estéticas e afetivas que contribuem para a formação da sensibilidade, da linguagem e da imaginação. Mesmo antes de dominar a fala, os bebês demonstram prazer ao ouvir a modulação da voz humana e a musicalidade das palavras, revelando que compreender é também sentir.

Quando o professor lê ou conta histórias com envolvimento e emoção, aproxima os pequenos do universo literário e desperta neles o encantamento pela leitura. O ato de ouvir um adulto ler permite ao bebê entrar em contato com a estrutura da linguagem escrita — suas cadências, repetições e ritmos — e, aos poucos, reconhecer padrões sonoros e simbólicos que enriquecem sua percepção.

A prática permanente de leitura na Educação Infantil deve ser planejada com intencionalidade. É importante que o educador reflita sobre os critérios de escolha dos livros, organize momentos de leitura compartilhada e observe as reações das crianças, favorecendo o desenvolvimento da atenção, da escuta e do interesse pelos livros.

Seguindo as reflexões de Evelio Cabrejo Parra, a seleção das obras não deve se basear apenas em critérios adultos. Os bebês, mesmo muito pequenos, demonstram preferências — pelas cores, pelas imagens ou pela sonoridade das palavras — e devem ser convidados a participar dessas escolhas. Essa autonomia inicial fortalece o vínculo com o livro e com o prazer de ouvir histórias.

Conclui-se, portanto, que a leitura para bebês de zero a três anos é uma prática fundamental para a construção do sujeito. Por meio da escuta, da linguagem e da imaginação, a criança inicia seu percurso simbólico e afetivo, descobrindo que as palavras podem acolher, ensinar e transformar.

REFERÊNCIAS

- BRITO. Teca Alencar de **Música na educação Infantil – propostas para a formação integral da criança** São Paulo: Peirópolis, 2003
- RODRIGUES, O. M. P. R.; MARANHE, E. A. **A história da inclusão social e educacional da pessoa com deficiência**. In: CAPELINI, V. L. M. F.;

_____. (Orgs.). **Marcos históricos, conceituais, legais e éticos da educação inclusiva**. Bauru: Unesp; MEC, 2010. v. 2. (Coleção Formação de Professores na Perspectiva da Educação Inclusiva). Disponível em: <<http://goo.gl/awAzwE>>. Acesso em: 20 abr. 2026.

Anais do I Seminário Nacional – **Currículo em movimento – Perspectivas atuais**, Belo Horizonte. Novembro, 2010

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo. 1. Educação infantil. 2. Criança em idade pré-escolar.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem e orientações didáticas para a Educação Infantil** / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007. 152p.

SITES

<https://novaescola.org.br/cursos/leitura-para-ebes/apresentacao/?logged=false> Acesso em: 20 abr. 2026.

http://novidadesevelharias-fernandeshercilia.blogspot.com/2008/06/literatura-Infantil-atravs-dos-tempos_307.htm Acesso em: 20 abr. 2026.